

# Projeto protege palmito e espécies ameaçadas

Fotos J.J. Leister/AE

Com técnicas de manejo sustentado, veterinário produz produto ecológico

JOSÉ MARIA TOMAZELA

**S**ETE BARRAS – Todo ano, o veterinário paulista Marcos Malta Migliano, de 50 anos, derruba pelo menos 20 mil palmeiras juçaras em plena mata atlântica e as transforma em milhares de vidros de palmito. O que, para o ecologista mais apressado, pode parecer um imperdoável crime contra o meio ambiente, está sendo a fórmula para a preservação de quase 2.500 hectares da floresta mais ameaçada do planeta. Migliano desenvolve em Sete Barras, no Vale do Ribeira, a 205 quilômetros de São Paulo, um dos poucos projetos de manejo sustentado de palmito autorizados pelos órgãos ambientais.

O projeto transformou os 363 hectares das Fazendas Barrã do Canela e Picau Amarelo, de Migliano, numa das maiores reservas de juçara do País. A área, onde há dez anos não tinha palmito nem para remédio, concentra 200 mil palmeiras adultas e cerca de 1 bilhão de mudas. O corte planejado dos espécimes adultos, com a reserva de matrizes para reprodução, paga os custos de manutenção da propriedade, gera receita para novos investimentos e garante o sustento de cinco famílias de empregados.

O projeto está sendo ampliado para outros 2.100 hectares que Migliano vem obtendo por cessão em comodato de outros proprietários. São áreas com boa cobertura de mata atlântica, mas que tiveram a quase totalidade de palmeiras cortadas pelos palmiteiros. "A juçara é vital para manter a biodiversidade da mata." As sementes – coquinhos produzidos em volumosos cachos – são alimento para aves como tucano, jacutinga e macuco, e animais como porco-do-mato e mono-carvoeiro.

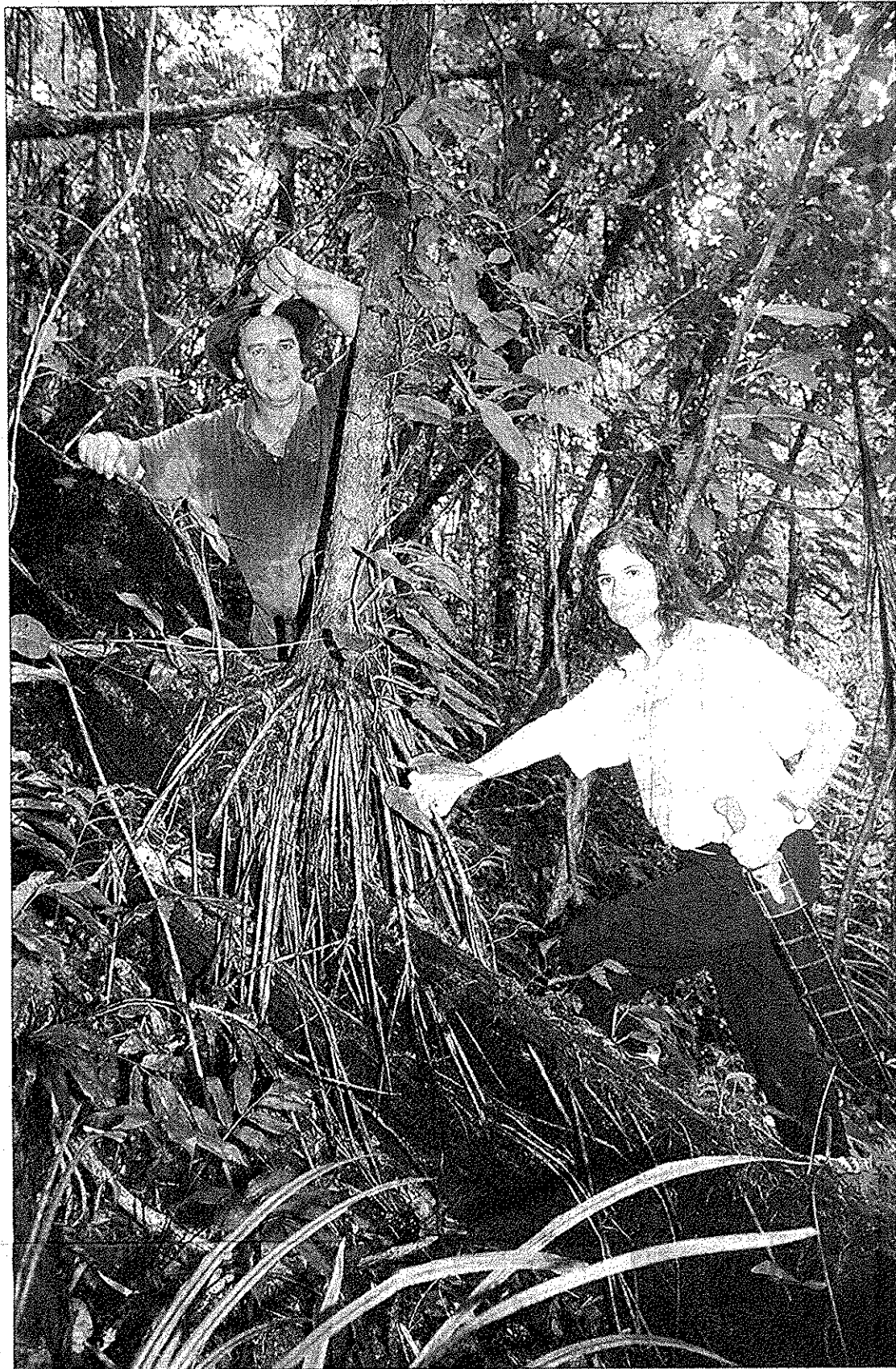
Esse primata, ameaçado de extinção, só é encontrado em território paulista no Parque Estadual de Carlos Botelho, administrado pelo Instituto Florestal, e na Fazenda Picau. "É onde ainda tem juçara", explica. Intocada e protegida por causa do palmito, a área transformou-se em refúgio de outros animais ameaçados, como as onças parda e pintada, a jaguatirica, o gato maracajá e a anta.

**Cacau** – Dono de uma clínica veterinária nos Jardins, em São Paulo, Migliano não tinha intuições ecológicas quando adquiriu a fazenda no Vale do Ribeira, há 20 anos. "Eu queria era ganhar dinheiro", confessa. Convidado por um amigo, plantou 30 mil pés de cacau aproveitando o sombreamento da mata. A fazenda abrigara antes uma seraria. O cacau não deu certo e ele passou a cultivar bananas.

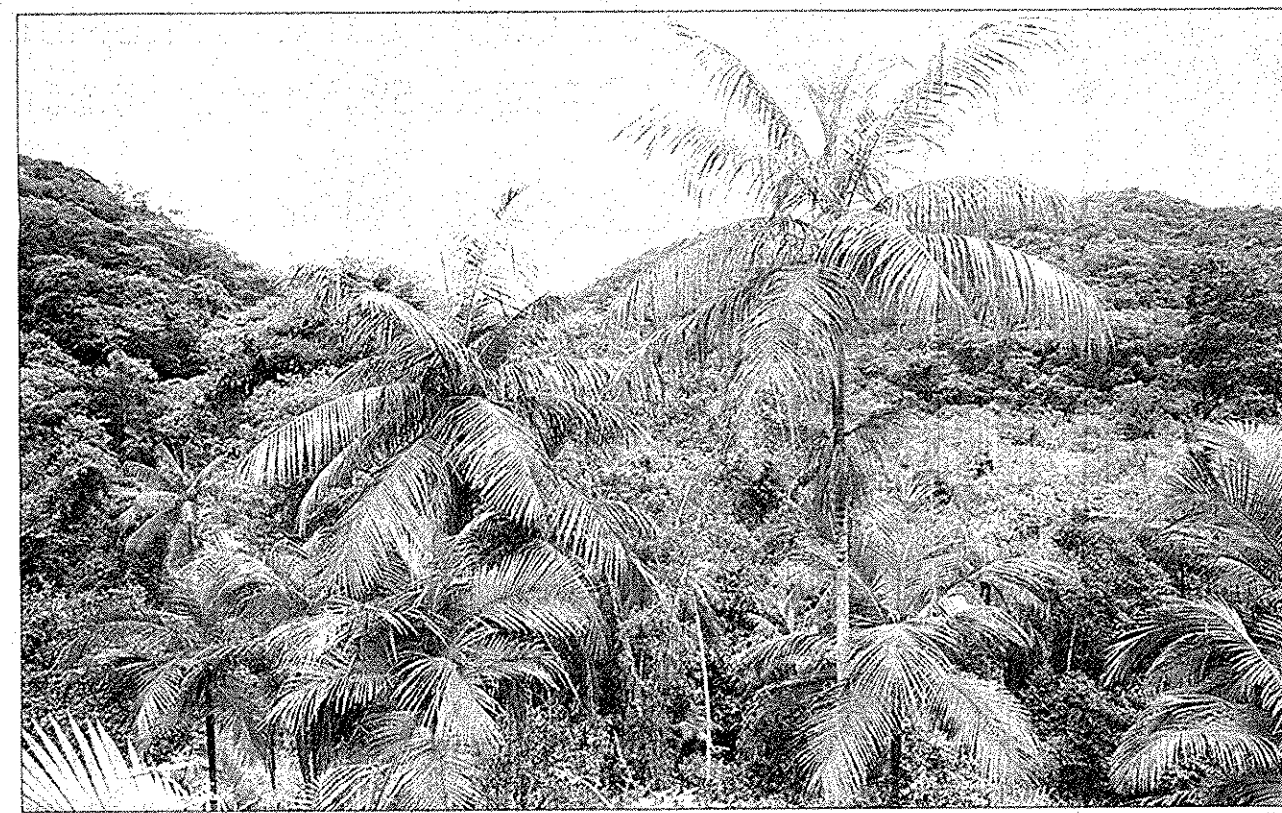
Não ganhou o dinheiro esperado, mas se apaixonou pela mata. Ao testemunhar o intenso comércio clandestino de palmitos e a perigosa aventura dos palmiteiros para abastecer os compradores, Migliano decidiu iniciar o manejo sustentado. O projeto foi aprovado em 1995 e a licença vem sendo renovada anualmente. Só podem ser retiradas palmeiras adultas, plenamente formadas, e em quantidade que não afete o equilíbrio da espécie. Ele acompanha pessoalmente os cortes, preservando as matrizes mais produtivas.

Em seis anos, ele triplicou o número de árvores adultas. Isso porque Migliano não corta o total autorizado pelo Departamento Estadual de Proteção dos Recursos Naturais (DEPRN). "Tenho licença para tirar 30 mil, mas tiro só 20 mil." Assim garante maior abundância de palmeiras na floresta e cria a estabilidade permanente na população de juçaras.

Quem faz o inventário florestal e elabora as planilhas é a pedagoga Adriana Rossetti, de 26 anos, pós-graduada em educação ambiental. Ela deixou a direção de uma escola em Regis-



Migliano e Adriana Rossetti, na fazenda de proteção ambiental: ameaçados por palmiteiros da região



Produção da palmeira-juçara, que substitui o corte ilegal na mata: espécie é vital para manter a biodiversidade

tro para dedicar-se ao projeto do palmito. Adriana define o que pode ser cortado em cada talhão e acompanha na mata o trabalho dos cortadores, espalhando sementes em áreas pouco povoadas. Ela obriga os mateiros a abandonar a trilha quando as mudinhas de palmito florescem no caminho.

A produção de palmito era entregue em natura para as indústrias, mas logo Migliano descobriu que estava contraindo indiretamente para a devastação da juçara. "Minhas notas fiscais eram usadas para esquentar o palmito retirado clandestinamente de parques e outras áreas." Ele instalou uma pequena fábrica e passou a processar sua produção, comercializada com as marcas Onça Parda e Mata Atlântica. Toda produção é vendida na capital a preços até

50% maiores que o do palmito de outras procedências. "Meu consumidor sabe que está comprando iguaria e ajudando a preservar a mata", justifica.

**Indiana Jones** – Quase sempre de chapéu australiano, botas de cano alto e facão preso à cinta, Migliano é uma espécie de "Indiana Jones" do Vale do Ribeira, pois lembra o personagem vivido no cinema pelo ator Harrison Ford. Preocupado em proteger a mata e seus palmitos, é visto rondando pelas estradinhas impraticáveis da região em uma Toyota. Na entrada da fazenda, fixou uma placa com advertências bem claras: "Cortar palmito nessa área é crime qualificado. Caçar é crime ambiental." Acabou se transformando em um "incômodo" para algumas autoridades e foi jurado de

## SÓ PALMEIRAS ADULTAS SÃO CORTADAS

morte por palmiteiros. No ano passado, ele descobriu que um grupo tinha invadido a fazenda. Chamou os florestais, mas eles não encontraram evidências da invasão. Assim que os policiais foram embora, Migliano entrou na mata e localizou 300 peças de palmito escondidas. "Carreguei na caminhonete e fui até a delegacia de Sete Barras fazer a ocorrência." Os palmiteiros não foram presos, mas o delegado acabou apreendendo o palmito, sob a alegação de que o produto pertencia à União. De pouco adiantou mostrar documentos que provavam tratar-se de cultura autorizada por órgãos ambientais. Os palmiteiros, conhecidos na região, fizeram gracinhas quando Migliano voltou da delegacia sem os palmitos. "Depois mandaram recado pelos meus empregados de que iam me atirar." Depois de saber que parte do palmito foi distribuída por um carcereiro, Migliano entrou com representação contra o delegado.

## Palmiteiros de outras regiões furtam em parques paulistas

Alguns chegam a viajar mais de mil quilômetros para vender mercadoria a fábricas de conserva

**S**ETE BARRAS – Palmiteiros do Paraná e de Santa Catarina viajam mais de mil quilômetros para furtar palmito em parques estaduais do Vale do Ribeira, em São Paulo. Contratados por intermediários que vendem a produção para as fábricas de conservas, eles chegam de ônibus pela Rodovia Régis Bittencourt (BR-116), desembarcam em cidades como Jacupiranga, Sete Barras e Juquiá e adentram as matas. Uma semana depois, saem da floresta e voltam para seus Estados. Calcula-se que cada um derruba, nesse período, pelo menos 400 palmeiras-juçara. Os in-

termediários fornecem ferramentas, caminhões, barracas e alimentação. Os principais alvos são os Parques Estaduais de Jacupiranga, Carlos Botelho, Interiores e Alto Ribeira (Petar). Juntos, eles formam o complexo ecológico de Paranapiacaba, a maior área contínua de mata atlântica do Estado, com mais de 120 mil hectares, declarada recentemente patrimônio natural mundial pela Unesco.

O ex-palmiteiro S.M.O., de 47 anos, contou numa única leva 82 pessoas – a maioria de Santa Catarina –, entrando de madrugada no Carlos Botelho, em Sete Barras. Muitos estavam armados. O administrador do parque, José Luís Camargo Maia, confirma as invasões e diz que os "forasteiros" são atraídos pela quantidade de palmitos existente em São Paulo. No Paraná e em Santa Catarina, a palmeira-juçara é escassa, o que motiva a migração dos cortadores. Mas o maior número de palmiteiros é da própria região.

## HOMENS TÊM EXPERIÊNCIA NA MATA

conta S. Há também os olheiros que permanecem fora da mata e sinalizam com rojões e hover blitz em andamento. O palmito embalado é tirado por terra, em caminhonetes, ou de barco, pelos rios.

"Vivemos em estado de guerrilha", revolta-se Camargo Maia. O parque tem 12 vigias para cuidar da área de 37 mil hectares. Mesmo com o apoio da Polícia Florestal, é quase impossível cobrir toda a mata. Por mais treinados que sejam, os vigias ficam em desvantagem em relação aos mateiros que nasceram e cresceram na região. "Eles são como vietcongs, andam descalços, sobem em árvores, ficam camuflados, tornam-se quase invisíveis na mata." A água que usam nem sempre é limpa e há o risco do botulismo em razão da falta de higiene.

O problema se agravou com a vinda de palmiteiros dos Estados vizinhos. "As divisas com o Paraná não têm vigilância e eles passam sem problemas." Nos últimos anos, os grupos passaram a andar armados e se tornaram mais destrutivos. "Eles montam ranchos e, para ter visão, cortam a mata no entorno."

**Conflitos** – Em março de 1998, os vigias do parque e a Polícia Florestal surpreenderam um grupo no interior do parque. O olheiro disparou sua arma. Os vigias Marco Antônio dos Santos Costa e Rubens Muniz foram baleados. Muniz teve a perna quebrada, Costa morreu. Três palmiteiros foram presos e depois libertados. O autor dos disparos, conhecido como Adriano, fugiu e ainda não foi localizado.

O delegado do município, Douglas Simões, diz que o acusado desapareceu. "Se for localizado, será preso." Mas o diretor do Carlos Botelho teve informações de que o matador do vigia está na região. "Ele anda de moto com capacete para não ser reconhecido, mas pode ser identificado pelas tatuagens." A 2.ª Companhia da Polícia Florestal e de Mananciais de Registro, que atua no município de Sete Barras, apreendeu 20.745 toras de palmito no ano passado. No ano anterior, tinham sido apreendidas 17.131. Cada tora corresponde a uma árvore derrubada. Também foram recolhidos 4.413 vidros de palmito de origem clandestina no ano passado e 9.040 em 1999.

"O que nos preocupa é que muitos palmiteiros que prendemos são reincidentes", disse o comandante da companhia, tenente Ezequias Ribeiro da Costa. Um deles foi preso recentemente pela quarta vez. "A lei já não consegue segurá-los." Segundo Costa, o mais alarmante é que as toras de palmitos apreendidas são cada vez mais finas. "As palmeiras abatidas ainda não atingiram a fase produtiva e o ciclo da espécie está sendo interrompido."

**Reunião** – O veterinário Marcos Malta Migliano, que desenvolve um projeto de manejo sustentado do palmito em Sete Barras, acha que a solução não está em correr atrás do palmiteiro na mata. "É preciso fiscalizar o comércio e exigir a comprovação de origem do palmito juçara colocado nas prateleiras." Os tipos de palmito são facilmente identificáveis mesmo dentro dos vidros, segundo ele. Amanhã, representantes do Instituto Florestal, Departamento Estadual de Proteção dos Recursos Naturais (DEPRN), Polícia Florestal e das curadorias do Meio Ambiente do Ministério Público reúnem-se em Registro para discutir as ameaças ambientais às unidades de conservação. (J.M.T.)